



**CARTILHA
DIDÁTICA**



**Memória e oralidade
na "Terra da Liberdade"**

Um outro olhar sobre a história da abolição em
Benevides - Pará

Elizabeth Braga de Souza

Benevides - PARÁ

2024



Elizabeth Braga de Souza

Professora de História na rede Estadual de ensino do Estado do Pará. Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Especialista em Tecnologias na Educação pela PUC-Rio, Especialista em História Social da Amazônia pela UNAMA-PARÁ e discente do Mestrado Profissional em Ensino de História¹, (UFPA – Campus Ananindeua).

Orientador: Professor Doutor Luiz Augusto Pinheiro Leal².

Colaboradores: Estudantes³ da Educação de Jovens e Adultos (EJA), Ensino Fundamental II, da EEEF Cenecista François Paul Begot.

¹ Esta cartilha didática de História resulta da dissertação de Mestrado em Ensino de História, realizado entre os anos de 2022 e 2023. Dedico-a a todas as pessoas que, de alguma forma, me ajudaram a escrever uma outra história sobre a população negra de Benevides.

² Gratidão ao meu orientador Augusto Leal pelos ensinamentos que, muitas vezes, me fizeram mudar os caminhos da pesquisa. Sem você, não teria chegado até aqui.

³ Parte das informações que constam neste material didático foi produzido pelos estudantes da EJA que, incansavelmente, me auxiliaram na coleta de dados e colaboraram com as entrevistas realizadas com alguns moradores do município de Benevides. A cada uma e cada um, minha eterna gratidão.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	03
INTRODUÇÃO.....	04
PARTE 1: HISTÓRIA DA ABOLIÇÃO EM BENEVIDES E SEUS LUGARES DE MEMÓRIA.....	06
PARTE 2: OUTRAS HISTÓRIAS DE LIBERDADE EM BENEVIDES.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	30



APRESENTAÇÃO

Esta cartilha didática de História resulta da dissertação de Mestrado em Ensino de História, realizado na Universidade Federal do Pará (UFPA). Foi desenvolvida a partir das observações e coleta de dados realizadas em turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da EEEF Cenequista François Paul Begot, localizada no município de Benevides - Pará. Nosso objetivo é estimular nos estudantes uma reflexão sobre o apagamento do protagonismo negro na história local e os diversos desdobramentos que resultaram na construção negativa de sua história ao longo do tempo.

O material está dividido em duas partes e apresenta propostas de como trabalhar o conteúdo de história, referente à abolição e pós-abolição no Brasil, a partir de atividades que estimulem atitudes antirracistas em sala de aula. Queremos mostrar que é possível integrar o conteúdo a reflexões sobre o nosso compromisso com a superação do racismo na sociedade em que vivemos.

A parte 1 tem como título “HISTÓRIA DA ABOLIÇÃO EM BENEVIDES E SEUS LUGARES DE MEMÓRIA” e propõe uma releitura da História de Benevides, a partir das narrativas que estão presentes em obras memorialísticas e pesquisas acadêmicas. Na parte 2, intitulada “OUTRAS HISTÓRIAS DE LIBERDADE EM BENEVIDES”, propomos leituras e atividades que valorizam as memórias, por meio da oralidade. Propomos a história oral para mostrar que é possível ampliar o conhecimento histórico considerando as fontes orais

Acreditamos que este material poderá ajudar professoras e professores a pensar a educação antirracista nas escolas de Educação Básica, a partir do envolvimento dos estudantes com a produção do conhecimento histórico. No ensino de história, será possível refletir sobre a importância da compreensão do passado à luz das questões sociais, econômicas, políticas e culturais.



INTRODUÇÃO

A partir deste material didático, queremos apontar alternativas para a construção de outro conceito de liberdade. Esta Cartilha foi pensada para que os alunos de EJA pudessem refletir sobre outras formas de estudar história, colocando outros sujeitos no campo do conhecimento histórico. Nesta proposta, damos especial atenção à Lei 10.639/03 no espaço escolar.

Para estruturar o material, tomamos como referência a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que norteia o texto do Documento Curricular do Estado do Pará (DCEPA). Escolhemos a Unidade temática “O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX”, destacando como objeto do conhecimento “A questão da inserção dos negros no período republicano do pós-abolição”.

A proposta está voltada para o 9º ano do Ensino Fundamental II, dando ênfase às necessidades de aprendizagem de alunos da EJA (4ª Etapa). No documento curricular, pretendemos desenvolver a habilidade EF09HI03 (Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados), e a habilidade EF09HI04 (Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil). Ambas reconhecem a cidadania e a democracia como necessárias a superação histórica do capitalismo sobre a população negra e indígena.

Escolhemos discutir o conceito de negritudes na sala de aula, mas entendemos ser fundamental aproximar essa discussão de uma reflexão sobre a hegemonia da branquitude. Os dois conceitos, ainda que complexos, são fundamentais para dar conta da compreensão sobre o lugar que foi dado às pessoas negras na história.

O estudo sobre o controle simbólico que os grupos sociais e políticos hegemônicos exercem sobre o evento da abolição em Benevides identificou o quanto as políticas educacionais têm contribuído para manter as memórias históricas hegemônicas que a população possui sobre seu passado. A ausência de uma discussão pautada no protagonismo e na representatividade da população negra é um dos pontos que merece especial atenção neste cenário de preponderância da branquitude.

Se estamos querendo jogar luz sobre um grupo hegemônico que, por mais de um século, se mantém no poder, precisamos provocar um debate sobre o sentido raciológico que foi dado a estas posições hierarquizadas, com base no conceito de raça. É a partir daí que será possível



avançar em propostas didáticas no ensino de história que façam emergir a presença negra no município de Benevides.

Mas, como iniciar este debate na sala de aula? Quais metodologias podem ser utilizadas para visibilizar sujeitos intencionalmente esquecidos, a partir do espaço escolar? Como podemos estabelecer contatos entre estes sujeitos e os estudantes que estão em processo de aprendizagem escolar? Estes questionamentos nos ajudam a pensar caminhos para a verdadeira emancipação da população negra e seu desatrelamento da lógica racista de “gratidão” que resulta da pretensa “doação da liberdade”.

PARTE 1

HISTÓRIA DA ABOLIÇÃO EM BENEVIDES E SEUS LUGARES DE MEMÓRIA

PRIMEIROS DIÁLOGOS

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, o município de **Benevides** possuía 51.651 habitantes. Deste total, 70,13% dos moradores eram pardos e 8,25% pretos. Somando os dois quantitativos, concluímos que mais de 78% da população que vive em Benevides é negra.

Os estudos realizados por este Instituto sobre “Desigualdades Sociais por Cor e Raça no Brasil”, mostram que os desníveis de acesso a bens e serviços se mantêm mesmo com o avanço de políticas públicas que resultaram das lutas dos movimentos negros ao longo do tempo. Você já parou para pensar sobre o que alimenta essas desigualdades?

PARA PENSAR:

Você já notou o quanto nossa sociedade é desigual? Mesmo sendo a maioria, a população negra sofre com a exclusão e a falta de oportunidade. Vamos pensar nas seguintes questões:

1. De onde vem essa diferença entre quem tem privilégios e quem não tem privilégios na nossa sociedade?
2. Como podemos contribuir para uma sociedade mais justa?

SAIBA MAIS

O **IBGE** é o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística que apresenta informações sobre a população brasileira e sua realidade. Essas informações são necessárias para que o país exerça suas funções. Pode-se dizer que suas origens estão no ano de 1871, período do Primeiro Reinado. Somente em 1936, durante o governo de Getúlio Vargas, o Instituto ganhou configurações próximas às atuais.

FONTE: O IBGE | IBGE. Acesso em: 12 de dezembro de 2023.

Benevides é um município da região metropolitana de Belém que fica localizado às margens da BR 316. Está distante da capital cerca de 28 km. A economia gira em torno da agricultura, pecuária e extrativismo. A população também sobrevive de empregos em fábricas, do comércio local, do serviço público municipal e do trabalho informal.





LEITURAS IMPORTANTES

Em Benevides, mais de 70% da população é negra. Esses dados nos mostram o quanto é importante conhecer nosso passado e respeitar a história de cada sujeito que contribuiu, e contribui, para a construção do lugar onde vivemos. Leia os textos a seguir e siga as orientações de atividades:

TEXTO I

O racismo existe e está entre nós

Neste texto, vamos falar sobre alguns conceitos importantes e necessários à compreensão da situação que as pessoas negras enfrentam no Brasil. A psiquiatra e psicanalista Neuza Santos Souza (2021) diz que desde quando foi escravizado o negro foi definido como raça, fato que “demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco, e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior”. (2021, p. 43)

Neuza Souza, então, entende **RACA** numa perspectiva ideológica cuja função é organizar a sociedade de forma a dividir as pessoas de acordo com seus privilégios. Assim, desde o período colonial, os negros foram colocados em condição de inferioridade e os brancos em um grupo social de prestígio (SOUZA, 2021, p. 44) Ela ainda nos conta que, desde o fim da escravidão, essa forma racista de dividir a sociedade vem sendo atualizada para evitar ser questionada. Da mesma forma, o advogado Silvio Almeida afirma que este termo existe desde o século XVI e classificou os seres humanos transformando “o europeu no homem universal (atentar ao gênero aqui é importante) e todos os povos e culturas não condizentes com os sistemas culturais europeus em variações menos evoluídas”. (ALMEIDA, 2019, p. 20)

Limitar a participação das pessoas negras na vida política, social e econômica do país, impedindo que tenham acesso a direitos e que se orgulhem de si e de sua história, continua sendo o projeto das elites dominantes e herdeiras do passado colonial brasileiro. Assim, a condição de inferioridade do negro “perdurou mesmo depois da desagregação da sociedade escravocrata e da sua substituição pela sociedade capitalista, regida por uma ordem social competitiva”. (SOUZA, 2021, p. 44)

Então, mesmo alcançando o estatuto de pessoa livre, ao negro foi exigido o comportamento de submisso e grato à “bondade” dos brancos, privilegiados da sociedade racializada. Com passar do tempo, tornar-se negro no Brasil era também desistir de ser negro e tornar-se branco para ser aceito no mundo dos brancos (SOUZA, 2021, p. 46)

Aí entram projetos de **EMBRANQUECIMENTO** e **DEMOCRACIA RACIAL**. Neuza Souza evidencia que “quanto maior a brancura, maiores as possibilidades de êxito e aceitação”. (2021, p. 46) Associado a essa ideia, havia “A inexistência de barreiras de cor e de segregação racial” (2021, 46). Essas duas ideologias desencorajavam os negros a construir uma rede de solidariedade ascender socialmente. Eram estimulados a pensar de forma individual e a negar sua identidade para ser aceito no mundo dos brancos.



Para romper com esta opressão, “cabe ao negro a vanguarda dessa luta, assumindo o lugar de sujeito ativo, lugar de onde se conquista uma real libertação”. (SOUZA, 2021, p. 51). O lugar de referência nesta sociedade, dividida hierarquicamente em raças (racializada), sempre foi dado ao branco. Por isso, cabe aos negros protagonizar sua liberdade.

Para isso, precisamos primeiro entender que o **RACISMO** experimentado no Brasil é **ESTRUTURAL**, porque faz parte da organização política e econômica da sociedade. Para falar sobre este conceito vamos nos aproximar de Silvio Almeida, que escreveu que “O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea”. (2019, p. 17). O Iluminismo do século XVIII reforçou essa ideia ao trazer o conceito de civilização que viria da Europa e seria disseminada para outros mundos que, segundo os europeus, eram primitivos. Concordamos com Silvio Almeida quando ele diz que “foi esse movimento de levar a civilização para onde ela não existia que redundou em um processo de destruição e morte, de espoliação e aviltamento, feito em nome da razão e a que se denominou colonialismo”. (ALMEIDA, 2019, p. 22)

Esse colonialismo europeu trouxe um projeto de universalização e, a reboque, uma ideia de liberdade que já existia entre os povos não-europeus. Mas, a violência imposta pelas armas de fogo subjogou suas histórias e destruiu seu passado. Assim, a racialização dos seres humanos tornou-se uma estratégia de dominação e destruição daqueles que não se enquadravam no modelo europeu de civilização e modernidade. O **RACISMO** é esse processo de desumanização dos seres humanos que torna a diferença algo natural e inquestionável. É diferente de **PRECONCEITO** e **DISCRIMINAÇÃO**. Silvio Almeida diz que:

o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2019, p. 26)

Como podemos ver, o **RACISMO** é praticado de forma consciente ou inconsciente e está relacionado aos privilégios de alguns em detrimento de outros. Por outro lado, o **PRECONCEITO RACIAL** “é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias”. (ALMEIDA, 2019, p. 26) Em outras palavras, seria criar conceitos antecipados baseados nos estereótipos das pessoas.

A **DISCRIMINAÇÃO RACIAL** “é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados”. (ALMEIDA, 2019, p. 26) Então, está relacionada ao poder, que é capaz de distribuir privilégios com base na raça. Essa discriminação subalterniza uns e privilegia outros.

Ainda podemos falar que o **RACISMO** é **INSTITUCIONAL** porque as instituições o legitimam e o alimentam. Isso ocorre porque “as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos”. (ALMEIDA, 2019, p. 32). Portanto, quem está no poder, perpetua o racismo na sociedade. Ao impor padrões, quem detém o poder acaba naturalizando as práticas racistas.



Assim, parece natural que pessoas brancas ocupem cargos de caráter intelectual e pessoas negras sejam trabalhadores braçais. As instituições podem tanto romper com esses mecanismos discriminatórios quanto podem perpetuá-los. É importante dizer que, para se manter no poder, as pessoas brancas fazem concessões aos grupos menos favorecidos quando se veem questionadas. Silvio Almeida diz que “Um exemplo dessa mudança institucional são as políticas de ação afirmativa, cujo objetivo é, grosso modo, aumentar a representatividade de minorias raciais e alterar a lógica discriminatória dos processos institucionais”. (ALMEIDA, 2019, p. 34)

Mas, “as instituições são racistas porque a sociedade é racista”. (ALMEIDA, 2019, p. 38). Então, o racismo integra a ordem social. A manutenção dos privilégios, as violências e os silenciamentos precisam, então, ser combatidas com **ACÇÕES ANTIRRACISTAS**.

Para este conceito, vamos chamar Djamila Ribeiro que diz ser necessário questionar o racismo no nosso cotidiano. Antes disso, é preciso conhecê-lo. Ela diz que “reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo” (ribeiro, 2019, p. 9). Nos aponta alguns caminhos para nos tornar pessoas antirracistas. Vamos ver alguns:

1. **Informe-se sobre o racismo:** o fato do racismo ser implícito no Brasil, dificulta sua identificação. Depois, devemos nos questionar sobre o que estamos fazendo para combater o racismo.
2. **Enxergue a negritude:** o mundo dominado pelas pessoas brancas impede que os negros se vejam. Geralmente, são apontados como tais, mas procuram ocultar-se por medo dos estereótipos criados pela sociedade branca. É preciso visibilizar de forma positiva as pessoas negras, ler intelectuais negros, ver arte produzida por pessoas negras etc.

Enfim, precisamos ser permanentemente ativos na luta antirracista para fortalecer os direitos que foram historicamente tirados da população negra.

REFERÊNCIAS

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. Companhia das letras, 2019.

Refletindo sobre o texto

Conforme Neusa Souza (2021), o racismo divide a sociedade e atualiza para evitar ser questionado. Silvio Almeida acrescenta que sua prática classificou os seres humanos transformando “o europeu no homem universal”. (ALMEIDA, 2019, p. 20) Com base nas ideias contidas no texto, construa seu entendimento sobre o que é o racismo procurando refletir sobre como ele se manifesta no mundo em que vivemos.



TEXTO 2

Por que brancos europeus e não negros livres para ocupar as terras da colônia de Benevides?

O processo de ocupação das terras que, hoje é Benevides, ocorreu a partir da chegada de imigrantes europeus no final do século XIX. Conforme Nunes (2008), o poder público estava interessado em aproveitar os recursos naturais ali existentes para garantir o abastecimento da cidade de Belém.

Desta forma, o governo provincial do Grão-Pará empreendeu o processo de ocupação das terras da zona bragantina inaugurando os primeiros núcleos coloniais, dentro os quais a colônia de Benevides, no ano de 1875, quando vieram os primeiros imigrantes europeus. (NUNES, 2008, p. 22-30)

Abdias do Nascimento observa que a “orientação predominantemente racista da política migratória foi outro instrumento básico nesse processo de embranquecer o país” (2016). As leis de imigração parecem ter diminuído as preocupações da elite branca em relação a proibição da entrada de negros africanos em terras brasileiras.

Também Wlamira Albuquerque (2009), encaminha essa discussão quando enfatiza que “os membros da seção de justiça do Conselho de Estado criavam artifícios jurídicos para impedir que qualquer homem de cor pudesse imigrar para o Brasil”. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 46)

O processo de ocupação da colônia seguiu os planos do governo e, entre 1875 e 1876, foram conduzidos para lá 182 imigrantes estrangeiros, sobretudo franceses (90). Nunes (2003) aponta para a preocupação do governo provincial em resolver duas situações: a substituição do trabalho dos negros escravizados e tornar real o processo “civilizatório”, tão discutido a partir da segunda metade do século XIX no Brasil.

Logo, “no caso da Colônia Benevides o caráter civilizatório deveria ser percebido no desenvolvimento de novas técnicas de plantação [...]” (NUNES, 2008, p. 55). A evidente exaltação dos estrangeiros demonstrava a crença de que carregavam consigo os valores da “civilização.”

REFERÊNCIAS

NUNES, Francivaldo Alves. A semente da colonização: um estudo sobre a Colônia Agrícola Benevides (Pará, 1870-1889). Orientadora: Franciane Gama Lacerda. 2008. 228 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, Faculdade de

História, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008. Disponível em: [Microsoft Word - 2008_Francivaldo_Nunes.doc \(ufpa.br\)](#). Acesso em: 08 de agosto de 2022.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NASCIMENTO, Abdias. O Genocídio do negro brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado (Portuguese Edition). Editora Perspectiva S/A. Edição do Kindle.

Refletindo sobre o texto

No texto que você acabou de ler, os autores mostram a intencionalidade do poder público em trazer imigrantes europeus para ocupar as terras no núcleo colonial de Benevides:

1. Que ideologias acompanhavam este desejo da vinda imigrantes europeus?
2. O que você acha desta decisão?

TEXTO 3

Onde os negros entram na história da abolição em Benevides?

As ações que denotam luta e resistência não estão expressas na cunhagem do termo “Terra da liberdade,” ainda que se refira a um acontecimento que diz respeito a abolição da escravatura em Benevides. O escritor e memorialista José Siqueira (2014) mostra a presença de autoridades políticas e da imprensa durante a cerimônia de entrega das “cartas de alforria”.

Nota-se que o ocorrido foi muito bem registrado, sob a ótica das elites paraenses. A produção de evidências de que existiu uma festa de “libertação dos escravos” na Colônia possibilitou, ao longo das décadas, a construção de discursos locais que passaram a reivindicar para Benevides o título de “Berço da Liberdade.”

Assim os grupos dominantes do município foram “fabricando” um ideário de protagonismo branco sobre a concepção de liberdade. Na contramão da memória oficial surgem estudos que, para nós, transpõem as fronteiras que separam os sujeitos invisibilizados daqueles plenamente colocados no centro da atividade histórica.

Destacamos as fugas dos negros escravizados no sentido de positivar suas resistências e superar os estereótipos de que eram passivos do trabalho escravo. Não faltam exemplos de rejeição ao cativo. Salles (2005) discute que a fuga foi um dos principais mecanismos de



oposição à exploração e à falta de liberdade. As matas que circundavam a cidade de Belém serviram de refúgio para os negros que fugiam dos seus senhores.

Bezerra Neto (2009) menciona que as cartas de libertação foram entregues, “sendo que nem todos os escravos foram libertos sem ônus algum: Macário e Luiz somente foram alforriados sob condição de continuar servindo sua ex-senhora por mais dois anos [...]”. (NETO, 2009, p. 413) O autor esclarece os limites da liberdade dada aos negros e negras naquele evento, o que implica em dizer que havia uma preocupação em não causar prejuízos aos escravocratas que decidissem dar liberdade aos negros escravizados.

REFERÊNCIAS

NETO, José Maia Bezerra. Por Todos os Meios Legítimos e Legais: As Lutas contra a Escravidão e os Limites da Abolição (Brasil, Grão-Pará: 1850-1888). Orientadora: Doutora Maria Odila Leite da Silva Dias. 2009.

SALLES, Vicente. O negro no Pará: Sob o regime da escravidão. 3. ed. rev. amp. - Belém: IAP; Programa Raízes, 2005.

SIQUEIRA, José Leôncio Ferreira de. Terra da Liberdade - Benevides: História e Colonização. 1ª ed. Delta Gráfica e Editora Ltda. Benevides, 2014. n° p. 473

Refletindo sobre o texto

A participação ativa da população negra na conquista da liberdade está clara nas palavras dos autores que estudam sobre a abolição da escravatura:

1. Que ideias do texto demonstram essa participação ativa dos negros na conquista de sua liberdade?
2. Na sua opinião, por que os donos de pessoas escravizadas desejam se colocar como principais protagonistas no processo de libertação?

TEXTO 4

Que histórias trazem os lugares de memória de Benevides?

Quando circulamos pela cidade de Benevides, vemos sua história materializada em prédios antigos, nomes de ruas, avenidas e travessas, praças e monumentos. São lugares de memória que não deixam o passado ser esquecido. Pelo menos aquele passado que foi



produzido para garantir a manutenção do poder nas mãos de quem sempre o possuiu. (CRAVO, 2014)

Quando pesquisamos sobre a construção e significados destes lugares de memória, encontramos poucas referências e fontes de estudo. Nos espaços de memória que tratam da abolição vê-se o negro preso à memória da escravidão, sem nomes e sem identidade. Tais simbologias trazem as correntes como marca mais acentuada das lembranças daquele tempo. (CRAVO, 2014)

A Lei nº 7.619/12, aprovada no dia 18 de abril de 2012, instituiu no Calendário Histórico, Cultural e Turístico do Estado do Pará o “Dia da libertação dos escravos na Amazônia”. Isso deu ao poder público de Benevides a motivação necessária para a retomada de ações de fortalecimento das memórias da abolição no município. Os festejos anuais passariam a massificar a História oficial da libertação dos negros escravizados, mas essa representação mostra situações sempre folclorizadas com sofrimentos e passividade diante da condição da escravização.

Pierre Nora (1993) fala sobre uma História que não está apenas nos lugares de memória oficiais, mas também nas memórias da periferia, nos arquivos privados, entre os sujeitos marginalizados e que não foram trazidos à História oficial. Ao destacar que “[...] o dever de memória faz de cada um historiador de si mesmo” (NORA, 1993, p. 17), o autor nos incentiva a buscar essas histórias que estão dispersas pela cidade, guardadas nas memórias das pessoas idosas. Acreditamos ser preciso utilizarmos de outras metodologias da história para acessar essas outras histórias. Sugerimos que a história oral seja este método que aproxima as histórias esquecidas.

REFERÊNCIAS

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.

CRAVO, Ana Carolina Trindade. “Haja Cacêtes!; Haja páo!” A Sociedade Libertadora de Benevides: abolicionistas, escravos e colonos na luta contra a escravidão (1881-1888). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, 2014. Disponível em: [MS 2012 ANA CRAVO.pdf \(ufpa.br\)](#). Acesso em: 15 de julho de 2022.

Refletindo sobre o texto

Considerando o que foi lido, você acha que os lugares de memória que tratam da abolição da escravatura em Benevides contam uma história positiva sobre a participação da população negra neste processo? Comente sua resposta.



ANALISANDO FONTES HISTÓRICAS

Trouxemos trechos de fontes jornalísticas da segunda metade do século XIX (CRAVO, 2014), para mostrar que muitas informações produzidas na época da abolição em Benevides expressavam o ponto de vista das elites que estavam à frente do movimento abolicionista. Para extrair informações destes documentos, precisamos interrogá-los para compreender que pontos de vista trazem sobre o passado. Leia com atenção cada documento e responda as questões que seguem:

A data de 30 de março marca uma nova phase na historia d'esta provincia, Benevides declarou-se livre! para assistir a essa festa, que esteve esplendida, seguiram d'aqui [Belém] o sr. presidente da provincia, diversos cavalheiros e alguns representantes da imprensa. Ao meio-dia, e sob a presidencia do sr. dr. Pinto Braga, teve lugar a abertura da sessão solemne da sociedade abolicionista da localidade orando o sr. dr. Domingos Olympio, por parte da mesma sociedade. (...) foram depois entregues seis cartas de liberdade aos últimos escravos que tinha a colônia. a banda de muzica do 15º batalhão de infantaria dava maior realce á festa, tocando as mais harmoniosas peças de seu repertorio. (...) A' noite houve baile, reinando sempre a maior animação. Foi assim que Benevides celebrou a sua redempção, foi assim que numa das localidades desta rica provincia os seus habitantes festejavam a mais esplendida victoria dos tempos hodiernos: a liberdade de seus irmãos. Horrah por Benevides! (Diário de Notícias. A libertação de Benevides. 25/03/1884)

FONTE: Retirada da dissertação de mestrado de CRAVO, Ana Carolina Trindade. “Haja cacêtes!; Haja páo!” A sociedade libertadora de Benevides: abolicionistas, escravos e colonos na luta contra a escravidão (1881-1888). 2014, p. 27-28.

Os habitantes d'essa localidade [Benevides] resolveram libertá-la, e para isso conferem amanhã as cartas de manumissão aos poucos escravos que lá existem. Segundo o programa dos festejos, devem assistir às festas os exms. srs. bispo diocesano, presidente da provincia, representantes da imprensa e muitos outros cidadãos. O procedimento dos habitantes de Benevides é digno de ser imitado. Trabalhe[m] todos à sombra da lei pela grande causa da abolição, e cedo, muito cedo, o Pará estará completamente livre. Viva Benevides! (A Constituição. A redempção de Benevides. 29/03/1884).

FONTE: Retirada da dissertação de mestrado de CRAVO, Ana Carolina Trindade. “Haja cacêtes!; Haja páo!” A sociedade libertadora de Benevides: abolicionistas, escravos e colonos na luta contra a escravidão (1881-1888). 2014, p. 28.

VISITANDO LUGARES DE MEMÓRIA

Agora que você já conheceu um pouco sobre a história da abolição em Benevides, propomos a visita a alguns lugares de memória do município. Queremos conhecer melhor suas histórias e sua relação com a história contada sobre a população negra. A seguir, apresentamos um mapa de Benevides, indicando onde estão esses espaços para que possamos planejar melhor nossa saída.



FONTE: Elizabeth, 2024.

Veja que os lugares que vamos visitar estão em lugares diferentes. Então, precisaremos nos organizar para chegar até eles. No dia da visita, precisamos providenciar as seguintes coisas:

1. Autorização para que os responsáveis dos menores de idade possam assinar;
2. Lanche e água;
3. Transporte para chegar até o pórtico;
4. Caderno de anotação e caneta;
5. Máquina fotográfica ou câmera do celular;
6. Roteiro de perguntas.

Neste dia, é importante que todos venham uniformizados para que possamos nos apresentar às pessoas como parte da escola. Assim, ficará mais fácil fazer perguntas e legitimar

nossa presença para realizar nossa pesquisa. A seguir, apresentamos mais detalhes dos lugares de memória que vamos visitar:



ROTEIRO DE PERGUNTAS

Durante nossa visita, é importante que todos fiquem atentos aos detalhes inscritos nos monumentos. Procurem datas, informações, fotografem ou desenhem em seus blocos de anotações que acharem importante para nossa pesquisa. A seguir, sugerimos algumas perguntas que podem ser respondidas durante a visita:

1. Descreva o que você vê em cada monumento e espaço.
2. Que elementos aparecem nos monumentos que fazem alusão a abolição?
3. Você acha que a participação da população negra na história da cidade está bem representada nestes monumentos e espaços?
4. Indique elementos que remetem à escravidão?
5. Como você acha que os lugares de memória deveriam representar a importância da população negra para a história do município?
6. Você acha importante criar espaços de memória que contem as histórias de pessoas negras no município de Benevides? Por quê?



Para finalizar nossa atividade, vamos reunir todo o material coletado para estudá-lo. Para isso, organizem-se em grupos de quatro:

- 1.** Exponham uns para os outros os registros fotográficos, desenhos e anotações;
- 2.** Elaborem pequenos textos para sintetizar suas ideias;
- 3.** Utilizem cartolinas, canetinhas, materiais impressos e o que for necessário para criar cartazes ou painéis informativos sobre o que aprenderam;
- 4.** Apresentem os materiais produzidos para as outras equipes;
- 5.** Vamos deixar as informações expostas no mural da escola por uma semana para que outros estudantes possam conhecer um pouco sobre os lugares de memória que visitamos;

CONVERSA FINAL

Esperamos que você tenha gostado de conhecer um pouco mais sobre a história de Benevides. Foi importante estudar sobre como o racismo foi sendo construído na sociedade. Vimos que, ao manter certos costumes e reproduzir discursos sem reflexão, contribuimos para a permanência destas práticas. Acreditamos que deu para você notar que precisamos conhecer outros tipos de fontes históricas, necessárias à compreensão da presença deste racismo entre nós.

Vimos que os lugares de memória que visitamos contam apenas uma parte da história da abolição de Benevides. Na entrada da cidade, o pórtico apresenta várias simbologias que remetem à história da população negra, mas não sobre seu protagonismo. São sempre punhos e correntes. Ao contrário do que foi cristalizado e é ensinado nas escolas, o povo negro participou ativamente de sua luta. Resistiu à escravidão fugindo, se revoltando e buscando apoio junto a pessoas que não admitiam sua desumanização.

Por fim, é importante não romantizar essa liberdade, pois ela teve seus limites. Havia uma preocupação em não causar prejuízos aos escravocratas que decidissem dar liberdade aos negros escravizados. Por isso, é importante rever esse sentido de liberdade que todos os anos é festejado e deixa os negros de fora.

PARTE 2

OUTRAS HISTÓRIAS DE LIBERDADE EM BENEVIDES

PRIMEIROS DIÁLOGOS

Na primeira parte do nosso estudo, vimos que os lugares de memória contam apenas uma parte da história da abolição em Benevides. Vamos conhecer algumas pessoas negras do lugar onde vivemos para identificar sua importância para a comunidade? Mas antes disso, vamos exercitar olhar sobre nossa própria história de vida. Quem somos? De onde viemos? Como vivemos com as outras pessoas? Como a sociedade nos acolhe?

Estas perguntas nos ajudarão a nos reconhecermos como parte deste mundo marcado pelo racismo. Também servirão de base para que possamos lembrar de nossas histórias e escrever sobre nós mesmos. Vamos usar uma metodologia chamada **escrevivência**, criada por uma grande intelectual chamada **Conceição Evaristo**.

PARA PENSAR:

Na concepção de Conceição Evaristo, precisamos conhecer nossa própria história para nos reconhecer neste mundo. Vamos pensar no seguinte:

1. Você já parou para pensar na sua história de vida?
2. Por que é importante conhecer nossa história pessoal?

SAIBA MAIS

ESCREVIVÊNCIA é a escrita que nasce do nosso cotidiano. O ato de escrever sobre nossas vivências, pode levar um certo tempo, mas pode ser libertador. Essa escrevivência foi pensada para mulheres, mas pode ser usada por todos. Escrevendo, recorremos a memórias que nos permite um autorreconhecimento e valorização de quem somos neste mundo.

FONTE: [Nossas escrevivências importam \(geledes.org.br\)](http://geledes.org.br)

CONCEIÇÃO EVARISTO é uma escritora graduada em letras pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Nasceu em Belo Horizonte (Minas Gerais) em 1946 e cresceu ouvindo histórias de sua família. Gostava muito de ler e criar histórias. Para ela, escrever foi importante para enfrentar o racismo que sofreu durante sua vida. Um dos livros mais aclamados foi *Olhos D'Água*, publicado em 2014. Suas produções expressam as vozes de mulheres negras e da população afro-diaspórica no Brasil.

FONTE: [Conceição Evaristo: a escrevivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira \(geledes.org.br\)](http://geledes.org.br)



LEITURAS IMPORTANTES

Vimos que a maioria das pessoas que vivem em Benevides são negras (pardas e pretas). Então, nos questionamos: por que as histórias dessas pessoas não são valorizadas? Se fazemos parte desta categoria racial, é importante trazer para nossos estudos um pouco de suas histórias. Mas, vamos começar por nós? Os textos a seguir foram produzidos a partir das contribuições de Conceição Evaristo e Elizabete Silva. Tratam da importância de escrevermos sobre nós mesmos e sobre o mundo em que vivemos. Ao praticar a escrita, vamos exercitando nossas memórias e revisitando momentos de nossas vidas. No final, realize as atividades propostas.

TEXTO I

Escrevivência para resistir

Uma grande escritora brasileira chamada Conceição Evaristo criou um termo chamado *ESCREVIVÊNCIA*. Ela explica que a palavra pode ser definida como “[...] um ato de escrita das mulheres negras” (2022, p. 30). O termo é potente porque é capaz de mostrar uma outra perspectiva do passado sobre as mulheres negras que trabalhavam na casa-grande, cuidando das crianças dos senhores. Mesmo sob controle, suas vozes ecoavam. Hoje, por meio da escrita, a oralidade ganha de suas histórias ganha espaço e chega a um número maior de pessoas. Para Conceição Evaristo, a escrita é algo libertador:

A escrita nasceu para mim como procura de entendimento da vida. Eu não tinha nenhum domínio sobre o mundo, muito menos sobre o mundo material. Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma. Da investigação de vidas muito próximas à minha. Essa Ecrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência. (EVARISTO, 2022, p. 34)

Observe que sua escrita resulta das inquietações das coisas que observa na sua vida e no seu entorno. Então, escrever tornou-se para ela uma arma de resistência contra o que lhe foi negado durante toda a vida: a dignidade humana. Ao escrever sobre nós, também estamos escrevendo sobre outras pessoas e registrando suas histórias.

As reflexões desta escritora trazem a importância de questionar este mundo por meio das nossas próprias experiências. Pela escrita, ela mostra que podemos também contar nossas histórias que sempre foram negadas e apagadas. Por isso, a escrevivência foi pensada para que pudessemos resistir ao mundo que exclui os não-brancos.

Em Benevides, a poeta Elizabete da Silva também compartilha pensamentos expressos em poesias, que ela chama de “marginais”, para falar de suas percepções sobre o racismo nas



vidas das pessoas negras e denunciar problemas sociais que são desdobramentos desta prática. A seguir, podemos ver sua escrevivência:

Percebi que em tudo que escrevo existe alguma relação com a fome. Minhas memórias sempre me arrastam para algum momento em que a deixei entrar na minha escrita. Infância com o prenúncio de dia bom se ao chegar da escola houvesse barulho da panela de pressão com qualquer coisa cozinhando lá dentro que matasse a ansiedade do estômago vazio.

Ver a mãe dividir um pacote de bolacha, 4 bolachas para cada, sem mais. Era a regra. E vê-la também quebrar a mesma regra quando comumente via a caçula fazer cara dê choro ao pedir mais. (DA SILVA, 2022, p. 22)


ELIZABETE DA SILVA

Em batalhas de poesia é conhecida como Liz Silva. É professora de Língua Portuguesa, poeta marginal e escritora. Faz parte do coletivo Slam Dandaras do Norte e é diretora da Roda Cultural de Benevides. Realiza oficinas de Slam nas escolas, trabalhando com a literatura periférica na sala de aula.

Esse texto expressa as memórias de Liz Silva sobre sua infância e sua relação com mãe. Suas lembranças de infância são marcadas pela fome e pela presença da mãe. Nessa escrevivência, a autora denuncia a marginalização que legou o povo negro à pobreza e lhes negou as condições mínimas de sobrevivência. Precisamos dar nome a esse legado. É o legado da escravidão, do medo branco de compartilhar dignidade com os não-brancos. É o medo branco de perder privilégios. Em forma de poesia, Liz Silva mostra também o desafio de estudar e fazer uma universidade:

Hoje na periferia ninguém dorme
de longe eu já posso ouvir as comemorações ao som de Pinduca
o menino já passou correndo cheio de trigo e ovo no cabelo
gritando: - Aê, mãe, teu filho vai ser doutor!
E contrariando as estatísticas que diziam que ele seria bandido
vou ter que assistir de pé o menino tomando seu lugar na universidade, diploma
na mão e na baixada todo mundo já sabe que o filho do pedreiro um dia vai ter
doutorado em direito.
O corre, corre, das quebradas intenso
a molecada já se espertou que a educação é a arma mais pesada contra o sistema
opressor
tá ligado os cursinhos levando conhecimento pra baixada?!
O professor que incentiva os moleques anão entrar na vida do crime?!
A mãe que acordou na madrugada para pegar uma vaga pro filho naquela
escola responsa?!
É gente que acredita que o futuro não é feito com armas é com um livro na mão
e avisam de melhorar sua quebrada
pega a visão a universidade pública é para todos
não leva a fé na ideia meritocrática daqueles que querem ver o preto pobre e
favelado sendo massa de manobra.
Eles ainda vão ter que aceitar a filha da empregada se formando com nota mais
alta que a filha da patroa
porque só a gente sabe o quanto custa, só a gente sabe o quanto o estudo é
correria
e hoje nosso maior orgulho é ver a universidade pública sendo ocupada pela
periferia. (DA SILVA, 2022, p. 26-27)

Vamos pensar nestas histórias, e muitas outras, para nos pensar neste mundo que se divide entre quem tem privilégios e quem não o tem. Começar a pensar sobre isso, nos ajuda a



pensar sobre nós e qual lugar ocupamos. Pegar a caneta e escrever sobre coisas que já aconteceram conosco, memórias que, às vezes são traumáticas, nos ajudam a ver o mundo de outra forma. O importante é não acharmos que somos culpados da nossa condição, ou que somos incapazes de ser “alguém”, porque já somos “alguém”. Somos gente, somos humanos.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, 2020, vol. 1, p. 26-46. Disponível em: [Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf \(itausocial.org.br\)](https://itausocial.org.br/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf). Acesso em: 10 de outubro de 2023.

SILVA, Liz. *Luz de lamparina*. 1ª ed. – Letras Periféricas. Belém, 2022

Refletindo sobre o texto

2. Agora chegou sua vez. Use a escrita para escrever sobre você e suas experiências.

Se quiser, utilize as perguntas abaixo como roteiro:

- a) Quem é você?
- b) Do que você gosta em sua vida?
- c) Do que você não gosta em sua vida?
- d) Se pudesse mudar algo no mundo, o que mudaria?
- e) Você se sente feliz no lugar em que vive? Por quê?

Realize sua escrevivência na forma de texto ou poema. Depois, se quiser, compartilhe o que escreveu com a turma. Para finalizar, dê sua opinião sobre a importância de dividir sua escrita com os outros colegas da turma.

CONHECENDO REFERÊNCIAS NEGRAS

Nesse estudo, Conceição Evaristo e Liz Silva te ajudaram a entender a importância de contar nossas histórias, expressar o que pensamos sobre o mundo que vivemos, mas também usar a escrita como arma de denúncia contra o racismo. Nesta atividade, sugerimos que você conheça melhor as histórias dessas duas intelectuais e escritoras. Pesquise sobre suas histórias de vida, o que produzem e suas contribuições para o combate ao racismo. Traga para a sala de aula os resultados e compartilhe com os demais colegas. Se achar necessário, produza cartazes para a exposição.



OFICINA DE HISTÓRIA ORAL

Chegou o momento de conhecermos um pouco sobre a História oral. Vocês lembram que vimos o quanto é difícil estudar sobre as pessoas negras, trazendo histórias que falam de sua importância para as conquistas de direitos que temos hoje? Pois bem. Isso acontece porque apenas um grupo social, sobretudo formado por pessoas brancas, controlou o que deveria ser lembrado sobre o passado. Essa seleção limitou nosso olhar sobre as histórias das minorias que, não tendo sido representada, foi colocada no esquecimento.

Nesta etapa, vamos ver como devemos proceder quando adotamos o método da história oral para acessar memórias que trazem marcas do passado. Muitos estudiosos mostram que este procedimento é importante porque é capaz de “trazer à cena personagens antes excluídos da grande história: as mulheres, os negros, os trabalhadores, os homossexuais, os sujeitos anônimos, entre outros grupos [...]” (SANTHIAGO E DE MAGALHÃES, 2017, p. 20)

A partir das orientações dadas, vamos mais uma vez sair a campo e entrevistar pessoas negras que estão no nosso convívio social. A escuta dos relatos nos ajudará a pensar os desdobramentos do racismo atualmente e a importância de tornarmos visíveis as histórias de vida destas pessoas. Então, vamos à algumas recomendações importantes:

O QUE É HISTÓRIA ORAL?

É um método de pesquisa que utiliza como técnica entrevistas com pessoas para conhecer determinado tema. As informações servem como fonte de pesquisa e ajudam a entender melhor o objeto de estudo. Compreendida como documento, a entrevista traduz a forma como o sujeito interpreta o passado. Assim, pode-se ampliar o conhecimento sobre determinado assunto.

O QUE É HISTÓRIA DE VIDA?

É um tipo de entrevista que tem no indivíduo o centro de interesse. Neste tipo de entrevista, considera-se sua trajetória de vida, com ênfase nos acontecimentos que estão ligados à temática estudada. Neste tipo de entrevista, é necessário que haja mais de um encontro para que determinados assuntos conversados sejam aprofundados.



QUE PERGUNTAS DEVEMOS FAZER AO ENREVISTADO?

A entrevista deve ser precedida por visitas prévias ao entrevistado para que o pesquisador possa conhecê-lo melhor. Esse contato inicial é importante para a elaboração do roteiro de perguntas. No caso de entrevista de história de vida é preciso realizar uma biografia do entrevistado. A partir desse conhecimento prévio, o pesquisador elabora suas perguntas. Previamente, o entrevistado pode ceder fotos, objetos pessoais que dizem algo de seu passado. Com essas fontes, o pesquisador também pode formular perguntas para o dia da entrevista. Pode pedir, por exemplo, que o entrevistado explique uma fotografia ou fale da importância de um objeto guardado. O roteiro não precisa ser necessariamente de perguntas. Pode ser uma sequência de informações sobre o entrevistado que ajudarão o pesquisador a acompanhar sua narrativa a partir de questões pontuais, como por exemplo “O que o senhor lembra sobre sua infância?”. Assim, não esqueça que seu roteiro depende do conhecimento que possui sobre a pessoa entrevistada.

COMO DEVEMOS PROCEDER DURANTE A ENTREVISTA?

A entrevista é o momento em que o pesquisador mais ouve do que fala. Além disso, deve anotar e observar como o entrevistado se comporta durante a entrevista. Também deve construir uma relação de confiança para que o entrevistado se sinta à vontade para falar. O respeito à sua experiência de vida é fundamental, sobretudo, aos sentidos que dá ao passado. A participação do entrevistador deve estar adequada ao ritmo da narrativa do entrevistado, ou seja, formular perguntas de acordo com o tema para estimulá-lo a falar. Ao perguntar, pode problematizar afirmações, sem questionar o que foi dito para não ofender o entrevistado.

OS PROCEDIMENTOS DE TRANSCRIÇÃO

A transcrição é a primeira etapa escrita da entrevista. É o momento que passamos a gravação para o texto escrito. Para iniciar o procedimento, o transcritor precisa de um editor de texto e um fone de ouvidos. Deve também estar atento à gramática para fazer a transcrição com qualidade. Nesse momento, são importantes as anotações feitas durante a entrevista, para tirar dúvidas. Escute um pouco e, depois, volte para começar a digitar o áudio. Isso evita que uma frase seja cortada durante uma pausa muito longa. As expressões como “hã, hum...” podem ser suprimidas. As palavras devem ser escritas conforme a regra ortográfica, ainda que no áudio tenham sido ditas de forma errada. Utilizar marcações para indicar situações que estão para além do texto (emoção, silêncio, ênfase). Depois da transcrição é importante fazer a conferência, ou seja, escutar novamente a gravação e ler o texto transcrito para verificar se tudo foi devidamente escrito. Por meio de notas explicativas, o pesquisador pode esclarecer alguns pontos da entrevista para que a informação se torne mais clara.

Observação: as orientações foram produzidas com base na leitura de ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 3 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

UM EXEMPLO DE ESTUDO DE HISTÓRIA DE VIDA A PARTIR DA HISTÓRIA ORAL

Queremos compartilhar com vocês uma pesquisa que foi realizada por alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola estadual chamada François Paul Begot (Benevides – Pará). Durante o ano de 2023 os alunos aprenderam a utilizar a história oral para conhecer histórias de vida de pessoas que viviam nos lugares em que moravam.

À princípio, não tinham interesse em escutar essas pessoas. Mas, foram percebendo a importância de saber como viviam e seus desafios ao longo de suas vidas. Então, saíram a campo para conhecer melhor as pessoas que moravam em seus bairros ou localidades. Durante o processo de interação, selecionaram pessoas negras que exercem papéis importantes em suas comunidades. Trazemos aqui, a entrevista que foi realizada pelo aluno W.R. (4ª etapa) com o senhor J.G., um dos primeiros moradores da comunidade Taiassuí (Benevides – Pará).

Primeiro, houve um processo de aproximação com o entrevistado. Várias visitas antecederam a entrevista para que o senhor J.G. se sentisse seguro em compartilhar suas vivências com o estudante e sua equipe. O passo seguinte foi marcar a entrevista. Houve preocupação de que ocorresse na residência do entrevistado, em um momento em que ele estivesse disponível para falar.

Previamente, enviamos um convite para que realizasse a entrevista e indicasse o melhor dia de encontro. Depois esclarecemos sobre os direitos que o assistiam, inclusive o de receber sua entrevista transcrita para que pudesse analisá-la e autorizar o que considerasse para publicação pública.

Para o dia do encontro, a equipe providenciou o gravador de voz, disponível no celular, fones de ouvido, caderno de anotações, caneta e o questionário com sugestões de perguntas. Os equipamentos foram organizados e a entrevista realizada. As perguntas iam sendo feitas à medida em que o entrevistado ia respondendo, surgindo outras questões ao longo da conversa.

MOMENTOS DAS ENTREVISTAS

Primeira entrevista gravada pelo
aluno W.R., 2023:



FONTE: W.R., 2023

MOMENTOS DAS ENTREVISTAS

Momentos de acompanhamento do senhor J.G. pela equipe de EJA das Escola François Paul Begot:



FONTE: W.R., 2023



FONTE: W.R., 2023

Após a primeira entrevista, os alunos marcaram outros encontros, seguindo o mesmo protocolo. Queriam acompanhar a rotina do senhor J.G. Por isso, o acompanharam na produção de tucupi e goma de tapioca, além de tê-lo visitado na Feira municipal do agricultor, que funciona no centro da cidade de Benevides e reúne os agricultores da região. Lá, eles (as) vendem seus produtos agrícolas que colhem e produzem em suas propriedades.

Depois das entrevistas, os alunos foram orientados a transcrevê-las. Os cuidados com a escrita ajudaram na interpretação dos dados para produção de apresentações sobre a história de vida do senhor J.G. Os alunos usaram como suporte de transcrição computadores e fones de ouvido. Os resultados do estudo foram apresentados ao turno da noite na Semana da Consciência negra.

MOMENTOS DAS ENTREVISTAS

Encontro dos estudantes para transcrição das entrevistas e produção de material de exposição:



FONTE: Elizabeth Braga, 2023



Agora que você aprendeu sobre como pesquisar usando a metodologia da história oral, que tal conhecer histórias de vida no lugar em que vive? A seguir, preparamos um roteiro para que você realize a atividade:

1. Observe as pessoas que vivem em seu bairro ou localidade. Pesquise quais delas são pessoas negras que ocupam espaços importantes no lugar;

2. Aproxime-se destas pessoas, estreitando relações que permitam o diálogo seguro;

3. Apresente suas intenções. Explique que está realizando um trabalho escolar sobre pessoas negras e sua importância para a história de Benevides;

4. Converse com elas para saber um pouco sobre suas histórias. Faça perguntas sobre quando veio morar no lugar, como era antes aquele espaço, com era sua vida na infância, o que faz hoje para sobreviver, entre outras;

5. Providencie os equipamentos necessários a gravação da entrevista (Gravador de áudio do celular, fone de ouvido, bloco de notas, caneta e roteiro de perguntas);

6. Informe que a entrevista será gravada e que, depois da transcrição, deverá receber o autorizo, ou não, do (a) entrevistado (a). Além disso, terá que assinar um termo de autorização de imagem para que a pesquisa possa ser divulgada;

7. Para estudar o resultado, a entrevista deverá ser transcrita. Vocês poderão usar um editor de texto ou um caderno para realizar esta tarefa. É importante que as informações estejam claras. Mas, não podem alterar o que foi dito. Ao terminar, leve ao entrevistado a transcrição para que possa autorizar seu uso para a pesquisa;

8. Finalmente, analise as informações a partir do que estudamos sobre o apagamento das pessoas negras da história da abolição em Benevides e construa um texto procurando identificar em que aspectos das histórias contadas os negros mantêm-se excluídos da sociedade. Queremos ajudá-los a pensar que a população negra continua trabalhando muito, estudando com



dificuldade, renunciando à infância para ajudar no sustento da família e tendo seus direitos essenciais negados;

9. Após a produção textual, crie slides com fotos tiradas durante os encontros para apresentar o resultado de sua pesquisa à turma e à escola. A exposição poderá levar as pessoas a se identificarem com essas histórias e valorizar as realizações do (a) entrevistado (a) em sua comunidade.

CONVERSA FINAL

O que vocês acharam desta atividade? Foi importante conhecer histórias de vida de pessoas que vivem perto de vocês por meio da história oral? Esperamos que tenham aprendido que nem tudo o que está escrito nos livros de história é uma verdade única e absoluta. Vimos que muitas histórias foram esquecidas porque não tem suas memórias escritas, ou seja, poucos se preocuparam em registrar o que os outros sujeitos estavam fazendo ou de que forma se envolveram com determinados acontecimentos históricos.

Queremos contribuir mostrando que muitas pessoas se envolveram com o movimento abolicionista em Benevides, inclusive as pessoas negras. Mas, como os registros históricos eram feitos por representantes de autoridades políticas, as notícias que circulavam expressavam suas percepções dos acontecimentos. Felizmente, à medida em que a história oral foi tornada legítima nos estudos históricos, foi possível aproximar outras histórias daquela considerada oficial.

Também observamos que, ao falar sobre suas memórias, as pessoas trazem fragmentos de toda uma vida. Por meio destas lembranças, geralmente marcadas por falta de oportunidade, podemos entender que aquele racismo construído ainda no século XIX, continuou existindo entre nós e se alimentando da falta de informações que temos sobre ele.

Por isso, sugerimos a leitura de obras escritas por intelectuais negros. Eles (as), mais do que os brancos, conhecem as marcas deixadas pelo racismo. Saber das origens destas diferenças que existem entre brancos e não-brancos nos ajuda a entender que vivemos em um mundo ainda marcado pela raça. Não vivemos em uma democracia racial. Vivemos em um mundo em que brancos tem mais privilégios que negros e isso precisa ser visto. Que a sala de aula seja um espaço de luta antirracista até que todos possam enxergar-se como iguais de verdade.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que esta Cartilha Didática, carregada de uma trajetória de aprendizagens, contribua para a disseminação de atitudes antirracistas nas escolas de Benevides e de outras escolas que considerem pertinente sua proposta. Ao longo de sua produção, pudemos refletir sobre o quão é espinhosa esta caminhada e do pouco apoio que recebemos para colocar em prática projetos dessa envergadura. Precisamos começar de alguma forma, isto é certo. Então, que seja pelo nosso espaço de trabalho: a escola.

Durante as leituras, notamos que é necessário nos cercar de conhecimentos, sobretudo aqueles produzidos por intelectuais negros que nos contam sobre os desafios de viver em um país que ainda se sustenta em bases racistas, mas que nega essa evidência afirmando na mestiçagem o mito da democracia racial.

Somos confortados em saber que não estamos sozinhos nesta luta. Existem muitas pessoas, professores sobretudo, que, mesmo enquadrados no chamado *afeto à causa*, se colocam à disposição para debater e somar no fortalecimento de ações que envolvam os estudantes na conscientização de que é preciso construir um mundo diferente, pautado no respeito e na dignidade do povo negro.

Os materiais e atividades foram pensados a partir das análises e reflexões que resultaram de uma longa pesquisa, com questionários e observações cotidianas em uma sala de aula de EJA. No entanto, não precisam se limitar a esta modalidade de ensino, pois problemas de exclusão social, que resulta do racismo estrutural, existem em muitas escolas públicas brasileiras. Sugerimos que usem sua criatividade e reinventem as propostas de acordo com sua realidade.

Por fim, desejamos que ao final deste trabalho algo tenha sido aprendido sobre a importância da população negra para a história do município de Benevides e deste país. Que, sobretudo, tenhamos coragem de começar essa história jogando luz sobre as arquiteturas de poder que foram sendo erguidas enquanto histórias eram apagadas e sujeitos eram inferiorizados para manter os privilégios de poucos, sobretudo das elites brancas.



REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 3 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BARBOZA, EDSON HOLANDA LIMA. COLÔNIA-QUILOMBO: Retirantes cearenses e abolicionismo na Colônia Benevides (Pará, 1877-1884). Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História, v. 12, n. 19, 2015. Disponível em: [COLÔNIA-QUILOMBO: Retirantes cearenses e abolicionismo na Colônia Benevides \(Pará, 1877-1884\) | Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História \(uema.br\)](#). Acesso em: 15 de janeiro de 2023.

CAMILO, Vandelir. Necromemória: Reflexões sobre um conceito. Rio de Janeiro, 2020.

CRAVO, Ana Carolina Trindade. “Haja Cacêtes!; Haja páo!” A Sociedade Libertadora de Benevides: abolicionistas, escravos e colonos na luta contra a escravidão (1881-1888). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, 2014. Disponível em: [MS 2012 ANA CRAVO.pdf \(ufpa.br\)](#). Acesso em: 15 de julho de 2022.

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. A política da capoeiragem: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (1888-1906). Salvador: EdUFBA, 2008.

MALUF, Marina. Ruídos da memória. São Paulo: Siciliano, 1995.

MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. Branquitude invisível: pessoas brancas e a não percepção dos privilégios: verdade ou hipocrisia. Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Editora Appris, p. 53-89, 2017.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? Revista da ABPN. Vol. 4, no 8. jul.–out. 2012, p. 06-14.

NETO, José Maia Bezerra. Por Todos os Meios Legítimos e Legais: As Lutas contra a Escravidão e os Limites da Abolição (Brasil, Grão-Pará: 1850-1888). Orientadora: Doutora Maria Odila Leite da Silva Dias. 2009. 485 f. Tese (Doutorado). Programa de Estudos Pós-graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: [REPOSITÓRIO PUCSP: Por todos os meios legítimos e legais: as lutas contra a escravidão e os limites da abolição \(Brasil, Grão-Pará: 1850-1888\)](#). Acesso em: 03 de agosto de 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 23 de março de 2022.

NUNES, Francivaldo Alves. A semente da colonização: um estudo sobre a Colônia Agrícola Benevides (Pará, 1870-1889). Orientadora: Franciane Gama Lacerda. 2008. 228 f. Dissertação



(Mestrado). Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, Faculdade de História, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008. Disponível em: [Microsoft Word - 2008 Francivaldo Nunes.doc \(ufpa.br\)](#). Acesso em: 08 de agosto de 2022.

OLIVEIRA, Evelyn Talisa Abreu de et al. Roda Cultural de Benevides: uma pesquisa-ação sobre a atualização da luta antirracista em Benevides/PA. 2022.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SALLES, Vicente. O negro no Pará: Sob o regime da escravidão. 3. ed. rev. amp. - Belém: IAP; Programa Raízes, 2005.

SAMPAIO, Milton Franjas. História do engenho Santa Sofia. Benevides, Pará, 2007.

SILVA, Liz. Luz de lamparina. 1ª ed. – Letras Periféricas. Belém, 2022

SILVA, Priscila Elisabete da et al. O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo. Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, p. 19-32, 2017.

SIQUEIRA, José Leôncio Ferreira de. Terra da Liberdade - Benevides: História e Colonização. 1ª ed. Delta Gráfica e Editora Ltda. Benevides, 2014. nº p. 473